



O sincretismo na arte sacra das Missões Jesuíticas dos guarani: Índio Santo e Santo Índio

Priscila Lini¹

Resumo: As Missões Jesuíticas foram espaços coloniais muito peculiares, cuja interação entre os europeus e indígenas foram orientadas pela catequização e evangelização das comunidades, em um ambiente de ordem, trabalho e oração. A Companhia de Jesus, em sua tarefa missionária, levava consigo conceitos importantes de desenvolvimento, como a arquitetura, a escultura, a marcenaria e a música, o que proporcionou um rico cenário material no período do apogeu das Missões. Nesta sinergia entre o cristianismo católico apostólico e o imaginário guarani, a arte sacra desenvolvida durante os séculos XVII e XVIII nestes espaços encontra um significado diferenciado, pois dotada de enorme sincretismo e fusão de elementos locais – especialmente os fenotípicos, que ressignificaram a expressão estética até então vigente para a representação das imagens sagradas de Jesus, Maria e dos santos católicos. Importante salientar que as peças eram feitas pelos guarani, cujas técnicas de escultura, estatuária e policromia lhes foram ensinadas pelos padres jesuítas, de maneira que tais representações lhes aproximaram da nova religião que lhes fora transmitida. O período coincide com a Contrarreforma católica e com a ascensão do movimento Barroco na arte, a reação enérgica da Igreja à Reforma Protestante, que, além de multiplicar o número de fiéis ao redor do mundo, com a conversão – imposta ou aceita - de grande parte da América em territórios cristãos, ainda alterou de forma significativa os padrões estéticos da arte no novo continente em redefinição. Assim, do estudo destas formas de representação do sagrado por parte dos indígenas ditos ‘missioneiros’ resulta o presente artigo, versando sobre a representação sincrética na arte sacra das Missões.

Palavras-chave: Sincretismo; Arte sacra; Missões Jesuíticas; Guarani.

The syncretism in the sacred art of the Jesuit Missions of the guarani: Holy Indian and Indian Holy

Abstract: The Jesuit Missions were very peculiar colonial spaces, whose interaction between the Europeans and the Indians were oriented by the catechization and evangelization of the communities, in an environment of order, work and prayer. The Company of Jesus, in its missionary task, carried with it important concepts of development, such as architecture, sculpture, carpentry and music, which provided a rich material scene during the period of the Missions' apogee. In this synergy between the apostolic catholic Christianity and the imaginary Guarani, the sacred art developed during the XVII and XVIII centuries in these spaces finds a differentiated meaning, since endowed with enormous syncretism and fusion of local elements - especially the phenotypic ones, that ressignified the aesthetic expression until then in force for the representation of the sacred images of Jesus, Mary and the Catholic saints. It is important to point out that the pieces were made by the Guarani, whose techniques of sculpture, statuary and polychromy were taught to them by the Jesuit priests, so that such representations brought them closer to the new religion that had been transmitted to them. The period coincides with the Catholic Counter-Reformation and with the rise of the Baroque movement in art, the Church's energetic reaction to the Protestant Reformation, which, in addition to multiplying the number of faithful around the world, with the conversion - imposed or accepted - of great

¹ Pós-Doutora em Direito Econômico e Socioambiental pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2018), doutora (2015) e mestre (2011) em Direito Econômico e Socioambiental também pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e graduada em Direito pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2007). Membro dos Grupos de Pesquisa: Gestão Pública Ambiental e Políticas Públicas de Desenvolvimento Sustentável (UFMS) Antropologia, Direitos Humanos e Povos Tradicionais (UFMS) e Meio Ambiente: Sociedades Tradicionais e Sociedade Hegemônica (PUC/PR). Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Nova Andradina.

part of America in Christian territories, has still significantly altered the aesthetic standards of art in the redefining new continent. Thus, from the study of these forms of representation of the sacred by the indigenous 'missioners', the present article deals with the syncretic representation in the sacred art of the Missions.

Keywords: Syncretism; Religious art; Jesuit Missions; Guarani.

Introdução

A arte missioneira no contexto da América Colonial tem sua abordagem restrita e pouco explorada. As Missões Jesuíticas consistiram em um espaço único de colonização, em que a Companhia de Jesus, em sinergia com a população guarani, através da catequese e da introdução de novos hábitos como a agricultura, a música, a arquitetura e as artes, conformou uma vertente distinta dos demais espaços de colonização.

O período dos séculos XVII e XVIII coincide com a transposição do estilo barroco da Europa, e, conforme os padres jesuítas eram enviados ao Guairá, Tape e Itatín, traziam consigo tais referências artísticas, construtivas e tecnológicas e as empregavam no cenário missioneiro, desenvolvendo nos próprios indígenas um novo senso estético na música, pintura e escultura.

As peças encontradas nos remanescentes das Missões Jesuíticas após a desocupação empreendida a partir do período pombalino demonstram essa interação singular, em que o guarani incorporou em sua identidade os elementos cristãos nas representações religiosas – especialmente estatuária, música e pintura – mas ainda assim reproduziu os traços que lhes eram conhecidos conforme a natureza e os fenótipos humanos que lhes eram familiares, resultando em um interessante e singular sincretismo religioso nas representações sacras católicas implantadas.

Desta forma, propõe-se aqui a compreensão dos elementos que tornaram a arte sacra produzida nas Missões do Prata tão singular, e as formas de interação entre a cultura nativa guarani e a cultura europeia transplantada pelos padres da Companhia de Jesus, entendendo as causas e consequências da imposição do cristianismo ao povo guarani e sua resistência através da manutenção de elementos culturais originários.

Além do mais, através das fontes históricas e remanescentes materiais resultantes das Missões Jesuíticas, que revelam a existência de um sincretismo religioso na arte sacra, resulta uma importante compreensão histórica e artística construída nos Trinta Povos das Missões e suas consequências no Brasil e América colonial.

As Missões Jesuíticas no Prata

As Missões Jesuíticas foram assim denominadas, pois configuraram a forma de colonização auxiliar empreendida na América e em outras partes do mundo pela Companhia de Jesus. Fundada em Montmartre, França, em 1534, por Ignacio de Loyola e outros seis companheiros, a ordem religiosa teve por vocação pregar o Evangelho onde lhes fosse determinado. A estrita obediência, sob o lema "Ad maiorem Dei gloriam" (Para a maior glória de Deus), fez com que os padres da Companhia fossem denominados "soldados de Cristo", assumindo a catequização dos gentios nos territórios descobertos nos primeiros períodos da expansão ultramarina europeia.

Especificamente no território de colonização portuguesa, o primeiro jesuíta, o Padre Manuel da Nóbrega, chegou em 1549, na mesma viagem do Governador Geral Tomé de Sousa. Empreendeu o trabalho catequético junto aos indígenas – inicialmente em Salvador – e depois fundando o Colégio Jesuíta de São Paulo de Piratininga, junto com o Padre José de Anchieta.

Nos territórios hispânicos além de Tordesilhas, os jesuítas se estabeleceram primeiramente em Assunção. Como os atuais estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul ainda estavam sob os domínios da Espanha, estas regiões, denominadas à época Tape, Guairá e Itatín foram os primeiros locais de redução e catequização de indígenas da nação guarani por parte dos padres da Companhia de Jesus. Inicialmente no Guairá as primeiras reduções foram fundadas no início do século XVII, pelos Padres José Cataldino e Simón Masceta.

Após as investidas dos bandeirantes paulistas, a partir de 1627, as missões do Guairá foram se transferindo mais ao sul, nos atuais territórios do Rio Grande do Sul, noroeste argentino e sul do Paraguai, com estâncias se estendendo até as fronteiras do Uruguai. Nestas terras desenvolveram por mais de um século uma organização admirável, com núcleos urbanizados de milhares de habitantes, com sólidas igrejas, casas, praças e oficinas, cultivos, criação de gado e ervais.

Semelhantes a tantas outras missões americanas, estas trinta povoações missioneiras foram, entretanto, únicas no que diz respeito à sua posição estratégica e suas instituições militares. Mas só puderam ter uma organização interna complexa e bem sucedida após o sucesso obtido na repulsa dos destruidores ataques dos bandeirantes paulistas (KERN, 1982, p. 14).

Nestas exitosas organizações sociais, os jesuítas desenvolveram uma série de ofícios. Tendo em vista que os padres da ordem eram extremamente bem instruídos, não era raro que, além da formação religiosa, fossem dotados de conhecimentos de arquitetura, escultura, música, botânica, cálculo e mecânica, em consonância com a formação universitária em desenvolvimento desde a Baixa Idade Média que culminou com o Renascimento.

Também é da gênese renascentista o estilo Barroco, conhecido pelos jesuítas e transposto para este novo contexto:

No século XVIII no Sul do Brasil, desenvolveram-se uma arquitetura e uma escultura de caráter religioso, associadas ao trabalho de catequese que os padres jesuítas realizavam com as populações indígenas. A chamada região missioneira abrangia parte dos atuais estados do Rio Grande do Sul, além do Paraná e Mato Grosso do Sul, além de terras do Paraguai e da Argentina. Nessa região, entre os anos 1610 e 1750, os padres jesuítas organizaram e mantiveram as missões, ou reduções indígenas, construídas por agrupamentos de construções: igrejas, colégio, moradia dos padres, oficinas, enfermarias, cemitério e habitações da população nativa, os Guarani (PROENÇA, 2014, p. 154).

Assim, da conjunção de uma nova realidade, construída pelos novos atores coloniais surgiu uma forma única de organização econômica e social. Mas, esta realidade não foi consolidada somente por elementos europeus transplantados ao novo continente, mas sim, constituiu um amálgama de componentes culturais, sendo importante também compreender as formas de interação e crenças religiosas dos povos tradicionais locais.

A tradição religiosa guarani

A organização tradicional guarani é gregária, agricultora e coletora, com grande habilidade para a caça e a pesca. No período dos primeiros contatos com o europeu colonizador, habitavam as florestas da porção centro-sul do continente americano, em comunidades praticantes da micromobilidade territorial, ou seja, a ocupação de um espaço amplo, mas em constante movimento dentro deste mesmo espaço.

A base da vida social dos guarani era a grande família. Seus membros viviam em casas estendidas de até cinquenta metros chamadas maloca ou tapy-guazu. Cada uma delas podia ter como mínimo vinte e como máximo sessenta fogueiras, e era a forma de indicar o núcleo familiar básico formado pelos pais e seus filhos. Nessas casas compartilhadas, cada família tinha assinalado um espaço específico. O delimitavam com pilares de madeira que também serviam para sustentar o teto (HEGUY, 2009, p. 19).

A micromobilidade possui um sentido prático – o pousio da terra cultivada por quatro ou cinco anos, além da recuperação da fauna e da flora após o uso para a subsistência. Porém, mais além desta finalidade, a mobilidade tem um sentido cosmológico complexo, estreitamente vinculado ao modo de ser guarani: “Guiados por xamãs inspirados, as tribos se movimentavam e, por meio de jejuns e danças, tentavam atingir as ricas moradas dos deuses, situadas no levante” (CLASTRES, 1978, p. 111).

Em sinergia com a natureza circundante, com os ciclos naturais, estações e fenômenos, o guarani desenvolveu uma rica e intrincada consciência religiosa, dando grande importância à interação entre o corpo, o espírito e a palavra, com grande apreço à vida ritualizada e uma simbologia permanente no cotidiano. Desta forma, quando os primeiros padres jesuítas iniciaram o trabalho catequético, tiveram grande sucesso ao compreender a relevância da comunicação verbal e da religião.

Haveria três situações no campo da religiosidade guarani produzidas no contato. Num primeiro momento o grupo preserva sua integridade religiosa e desloca para sua fronteira, apropriando-se como magia utilitária, os valores e princípios de usos de culto de outras religiões. O núcleo religioso essencial entretanto, permanece guarani, pois o conteúdo é pagão, ou melhor dizendo, indígena e não-cristão. Num segundo momento a religião indígena reordena seu próprio logos e se resignifica através do que integra de uma outra religião. Seria uma subordinação do cristianismo a uma lógica sincretizante indígena. Numa terceira situação ocorre o efeito de sincretismo, mas de uma cultura já cristianizada que se deixa impregnar de elementos nativos e se realiza mesclada com eles ou produz da mistura de uma ou mais religiões uma nova, diferente de todas (BRANDÃO, 1990, p. 82).

Jesuítas e guaranis desenvolveram um curioso ambiente de trocas recíprocas entre meios materiais de vida e meios espirituais de conquista e dominação. Se, por um lado, as missões eram locais estruturados, com certa segurança contra os bandeirantes, proteção e conforto material com a produção de alimentos e itens de subsistência, por outro foram espaços de obliteração cultural, modificação de costumes e dominação pela fé.

Por certo, neste cenário nem tudo foi pacificamente aceito ou plenamente incorporado, pois, todo encontro pressupõe um choque inicial. Mas, ainda assim, dentro dos fatores de imposição do catolicismo e das expressões da fé cristã, encontram-se formas – ainda que diluídas e mimetizadas – de resistência e autoidentificação que o indígena guarani reduzido conseguiu atribuir ao imaginário da arte sacra.

O sincretismo religioso entre o catolicismo e a cultura guarani

Quando dos primeiros contatos dos jesuítas com indígenas, os padres, sabiamente, utilizaram o conhecimento da música e da oratória para o trabalho de evangelização, aprendendo e sistematizando os idiomas nativos, muitas vezes atribuindo formas de escrita a idiomas, em princípio, ágrafos. Um exemplo é o “Tesoro de la Lengua Guarani”, dicionário de língua guarani organizado pelo Padre Ruiz de Montoya ainda no século XVII, que, adaptando a fonética do alfabeto latino, atribuiu forma escrita aos fonemas e palavras do idioma local, facilitando o diálogo.

Mas estas formas de adaptação não se restringiram aos aspectos práticos, mas também na inter-relação entre o mundo espiritual, afinal, a Companhia de Jesus, antes de tudo, tinha por finalidade a evangelização. Só que esta não era uma tarefa fácil, pois o universo cosmológico guarani é indissociável de seu modo de vida. Abrir mão de todo um sistema de crenças, que orienta a vida espiritual e material não foi um processo automático, mas sim, demandou enormes esforços de adaptação.

O sincretismo ocorrido entre as crenças indígenas e o sistema católico foi fruto notadamente das investidas jesuíticas em seu afã evangelizador. Para tanto, buscaram uma espécie de meio-termo entre seu real panteão e o sistema dos santos católicos introduzido pelos padres ibéricos. Na religiosidade dos colonizadores, parecia haver um misto de hipocrisia e perversidade: professar a religião católica e ser cristão não necessariamente eram equivalentes (ROMÃO, 2018, p. 362).

Desta maneira, os jesuítas procuraram atribuir significados semelhantes aos conceitos de “bom” e “mau” às deidades das crenças guarani, associando-os aos arquétipos do demônio, Deus, Virgem Maria, Jesus Cristo e aos santos. Ademais, o gosto do guarani pelo sagrado, pela ritualização e pelo espetáculo simbólico, pelo apego aos cantos e gestuais, foram meios interessantes de despertar o embevecimento e respeito às tradições católicas da Santa Missa, das procissões, cânticos e liturgias.

Os nativos parecem atribuir [às cruzes] um caráter mágico e político. De fato, a primeira ação dos jesuítas no ato da fundação de cada povoação se dá mediante a instalação de grandes cruzes, não raro sendo esse ato solicitado por caciques desejosos por demonstrar aos colonos espanhóis que ali estão sob os cuidados da fé católica [...]. [...] [a cruz jesuítica] guarda, defende, ampara os que se põem a trabalhar em sua sombra. [...] passa a se configurar como um importante objeto com poderes curativos, [...] deixa claro aos colonos que naquela seara se encontram cristãos sob a ordem missionária [...]. A cruz, enfim, demarca as fronteiras entre índios missionais e infíeis (BAPTISTA, 2009, p. 175-176).

O símbolo da cruz (Figura 1), do ostensório, as vestes do padre, os altares e santos, esta complexa forma de aproximação com o sagrado cristão foi incorporada de forma peculiar pelos guarani, algo entre o respeito, a admiração e um pouco de temor. A nova forma de organização dos meios materiais e espirituais de vida tornaram as missões uma experiência colonial de transformação de costumes e pensamentos.

Figura 1. Cruz Missioneira – Ruínas de São Miguel das Missões – RS



Fonte: Umberto Zornio

Não causa surpresa, então, observar que, entre as construções em arenito, barro e madeira, nos entalhes e artigos religiosos, os elementos do barroco da Contrarreforma estão aparentes, pois pertenciam ao referencial artístico trazido pelos padres da Companhia de Jesus e sua formação europeia – pois em sua grande maioria eram oriundos da Espanha, Itália, França e outros países. Mas este estilo não permaneceu indelével, pois foi adicionado dos fatores religiosos e humanos tipicamente guarani.

Em San Ignacio se vê, claramente, como eles lhes agregavam elementos nativos. O resultado deste cruzamento entre o estilo barroco e a cosmovisão guarani foi algo potente e capaz de sustentar a existência de deuses na selva. Uma mostra do toque guarani está sobre um dos portais de San Ignacio. Um dos anjos que está sobre a porta segura em sua mão milho, um vegetal típico da América (HEGUY, 2009, p. 152).

A cultura missioneira, assim, incorporou traços de ambas as culturas que se encontraram, resultando em uma sinergia curiosa: o guarani absorveu enorme conteúdo religioso do catolicismo, mas o praticava conforme sua manifestação de crença originária, e, ainda que tenha abandonado hábitos tidos como odiosos, como a feitiçaria e a poligamia, ainda encontrava nas práticas cristãs as formas de extravasar sua profunda espiritualidade com o mundo circundante.

Isso se demonstrou na música, na produção artística e na arte sacra missioneira. Como representar a imagem e semelhança a Deus se não através daquilo que já é previamente conhecido? Ora, se o europeu renascentista representava a Sagrada Família em figuras louras e de olhos claros, era porque este era o ideal de figura humana mais comum no cotidiano dos artistas italianos nos séculos XV e XVI. O mesmo se deu

com o guarani. Se na representação da figura humana precisa-se de um modelo prévio, nada mais lógico que representá-lo conforme aquilo que é diuturnamente visto.

As representações do imaginário guarani reduzido na arte sacra

Várias são as fontes, além dos resquícios materiais, que comprovam uma profícua produção artística nas Missões Guarani. Conforme Cordeiro:

as missões exportavam esculturas, violinos, tecidos, frutas e couro. Compravam ferramentas, sal, livros e papel [...] As igrejas eram decoradas seguindo um estilo barroco, com esculturas feitas de madeiras de diferentes cores e texturas, reunidas na mesma imagem, e com pinturas a óleo em rela. Os relevos em arenito reproduziam cenas da Bíblia ou animais importantes para as tradições dos silvícolas (2016, p. 137 - 141).

As representações do cotidiano católico eram o tema fundamental da arte missioneira, uma vez que a intenção primordial destes espaços era a conversão dos indígenas à fé cristã, além do estabelecimento de um sistema altamente organizado de urbanismo, produção e ordenamento do cotidiano. Esta rigorosa ordem, além da educação proporcionada pelos padres da Companhia de Jesus foram fundamentais para o desenvolvimento de uma cultura completamente distinta dos demais espaços de colonização.

A produção artística era variada: pintura, música, escultura e até mesmo a imprensa. A primeira prensa tipográfica a operar na América do Sul foi desenvolvida na missão de Loreto em princípios do século XVII. Todo o instrumental era produzido nas próprias missões, sob a supervisão dos jesuítas, sendo até mesmo exportados para a Europa.

Muitos violinos, baixos, clarins e flautas tocados em salões europeus da época foram produzidos pelos guaranis. Crianças aprendiam a cantar em latim para corais aproveitados nas missas e cerimônias – os espetáculos costumavam impressionar profundamente os visitantes, geralmente autoridades espanholas, bispos das cidades mais próximas ou mesmo religiosos de outras ordens que passavam pela religião e pediam pouso (CORDEIRO, 2016, p. 141).

Referida produção, cuja intenção primordial era atender ao culto católico implementado, especialmente na estatuária sacra, muito embora fosse ensinada e dirigida por padres oriundos do Velho Continente, encontrava um fator humano completamente diferente, em seu fenótipo e na sua compreensão de vida e cosmologia. Neste sentido, é curioso observar uma liga destes elementos na representação de Jesus, Maria e de muitos santos representados nas Igrejas das Missões.

Dita síntese inverossímil e contraditória para a arte europeia, como se se tratasse de uma associação impossível da arte barroca com o estilo romântico, resulta coerente nas missões em um clima de liberdade onde as contradições de dissolvem no maravilhoso realismo mágico criado pela arquitetura, escultura, a cor da pintura e a música (SUSTER-SIC, 2013, p. 45).

As bases da estética barroca foram implementadas pelos padres construtores e artífices, que ensinaram os ofícios da marcenaria, arquitetura e escultura aos guarani. Nas oficinas, transferiram os conhecimentos no entalhe e na policromia, resultando belíssimas obras com refinado detalhamento e proporção.

Um exemplo é a estátua de São Francisco Xavier (Figura 2 e 3), atualmente em exposição no Museu Júlio de Castilhos em Porto Alegre – RS. Os finos traços, as cores terrosas empregadas, o refinado trabalho

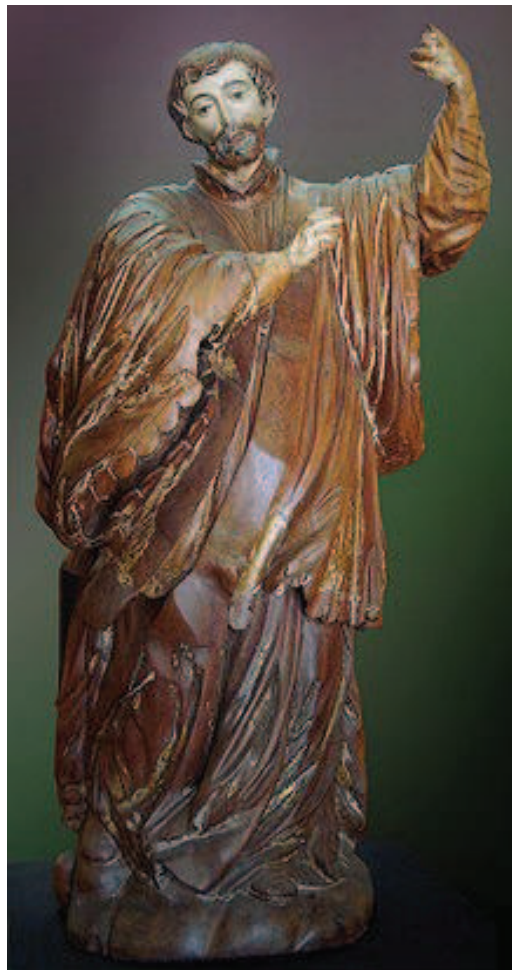
de definição das dobras e pregas na roupa, além da expressão de mortificação e zelo no olhar, demonstram o nível de perfeição atingido na arte sacra pelos guarani.

Figura 2. Imagem de São Francisco Xavier (detalhe)



Fonte: Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre – RS)

Figura 3. Imagem de São Francisco Xavier



Fonte: Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre – RS)

Porém cabe observar que, muito embora o trabalho tenha sido realizado sob a supervisão dos religiosos da Companhia de Jesus, não se sabe até que ponto havia o dirigismo estético. Ou seja, até que ponto tal sincretismo foi incentivado ou se fora uma casualidade.

Na imagem da Virgem Maria (Figura 4) confeccionada em uma Missão Jesuítica é interessante observar que os traços não seguem um padrão europeu caucasiano – como as representações tradicionais da Igreja Católica desde os primeiros tempos da cristandade. Neste caso, a mãe de Jesus é retratada sem o manto, com cabelos longos, lisos e escuros, pele morena, rosto largo e zigomas salientes. As cores avermelhadas da policromia, e os três querubins abaixo também reforçam estas características, ficando claro que os elementos locais – humanos e materiais – inspiraram esta forma de arte sacra.

Figura 4. Imagem de Virgem Maria



Fonte: Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre – RS)

A representação maternal, neste caso, seguia àquilo que era tido como a representação materna do contexto local, a mãe índia, que conservava seus cabelos longos, em uma compassividade bondosa, porém, mais humana e menos angelical. Uma mãe mais plausível que uma diáfana Virgem Maria de face rosada e olhos azuis, mais cálida em seus tons avermelhados, no lugar de um manto azul celestial. Assim, tornava-se mais fácil ao convencimento do guarani compreender-se como filho de uma Maria de pele mais escura, uma vez que parecia com a sua própria mãe e com as mães que labutavam nas lavouras, teares e oficinas missioneiras.

O filho de Deus também recebeu traços mais familiares, como pode-se perceber a seguir:

Figura 5. Imagem de Jesus Cristo

Fonte: Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre – RS)

A imagem de Jesus Cristo, ao contrário da maioria das representações encontradas na arte sacra europeia do período barroco, na estatuária das missões jesuíticas recebeu características fenotípicas interessantes. Embora a face seja longa, com queixo protuberante e fino e nariz delgado, os cabelos escuros e lisos, a testa curta e arredondada e os lábios pequenos e finos, demonstram que, ainda que procurassem se distanciar da aparência indígena, lhes fora impossível ignorar completamente os traços conhecidos.

Esta figura, parte hispânica e parte guarani, em seu misto de serenidade e estupefação, demonstra que a arte sacra missioneira foi um curioso caso de encontro de referências, que num cenário de realidade possível e interação colonial única, encontrou uma forma de expressão artística singular no período barroco da colonização da América ibérica entre os séculos XVII e XVIII.

Considerações finais

Ao longo do estudo foram delineados os traços sociais e políticos das Missões Jesuíticas, e as seguintes características transferidas para a produção artística sacra. Este interessante recorte da história da formação brasileira e sul-americana demonstra a existência, por quase um século e meio, de uma forma de produção de artigos religiosos que combinou os traços indígenas à tradição católica, o que marcou a conversão – real ou figurativa – de grande parte da população originária da América Latina que multiplicou o rebanho da Igreja como estratégia de reação à Contrarreforma.

A Companhia de Jesus, em sua tarefa evangelizadora, ao encontrar a população guarani, acreditava que havia achado um povo sem crenças, e, portanto, aptos a bem receber o Evangelho e os ensinamentos cristãos. Ocorreu que, muito embora não adorassem imagens ou realizassem rituais majestosos como outras comunidades pré-colombianas, os guarani viviam imersos em suas crenças que envolviam uma complexa cosmologia e interação com o meio, em que o físico e o metafísico não encontravam grandes delimitações.

Ao serem incorporados ao sistema missional, os guarani manifestaram a aceitação – real ou ficta – ao cristianismo, porém, cabe observar a real abrangência e materialidade desta aceitação. Mas é fato que, dos rituais sagrados e das representações da arte sacra das Missões Jesuíticas, é possível depreender um esforço de adaptação do indígena aos padrões cristãos europeus impostos, o que não permaneceu incólume às referências prévias locais.

Da observação das peças remanescentes das missões, das imagens sacras e das construções, é possível entender a relação com o barroco europeu, uma vez que tanto este estilo estético quanto a própria Companhia de Jesus representam institutos católicos de resistência à Reforma Protestante.

Assim, nesta estética, trazida pelo conhecimento prévio dos padres – arquitetos, escultores, pintores – resultam as imagens policromadas, as técnicas de construir e esculpir a madeira e a pedra. Nesta reprodução, percebe-se que, intencional ou acidentalmente, o guarani adicionou seus elementos fenotípicos e naturais conhecidos, incorporando a fauna, a flora e a aparência das figuras humanas nativas do continente à produção artística realizada nos espaços de colonização religiosa.

Desta maneira, é possível afirmar a existência de um sincretismo interessante na representação religiosa das Missões, em que os santos apresentam traços indígenas e os indígenas transferem àquilo que é sagrado a sua própria imagem, ou imaginam o sagrado como espelhos de si mesmos, como criaturas merecedoras de um Criador. Fato é que, após este contato, tanto jesuítas quanto guaranis foram transformados em sua essência, criando uma terceira via de expressão religiosa.

Referências

- BAPTISTA, Jean. **O temporal**. Dossiê Missões v.1. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009.
- BRANDÃO, Carlos. Os Guarani: Índios do Sul – Religião, Resistência e Adaptação. Revista de **Estudos Avançados** Vol. 04 N. 10 São Paulo: USP set/dez 1990 p.53-90.
- CLASTRES, Hélène. **Terra Sem Mal**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1978.
- CORDEIRO, Tiago. **A grande aventura dos jesuítas no Brasil**. São Paulo: Planeta, 2016.
- HEGUY, Silvina. **Misiones: Jesuitas y Guaraníes, una experiencia única**. Buenos Aires: Golden Company, 2009.
- KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2014.
- ROMÃO, Tito Lívio Cruz. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional**. Trab. Ling. Aplic. Campinas, n (57.1): 353-381, jan./abr. 2018.
- SUSTERSIC, Darko B. La historia de las imágenes misioneras: 1610-1768. In GUTIÉRREZ, Ramón *et al.* **Las misiones jesuíticas de la región guaraníca: una experiencia cultural y social americana**. Buenos Aires: CEDODAL, 2013.

Recebido 11/02/2019.

Aceito em 30/04/2019.